

FÁBULAS FORTALECEDORAS: BILO A BALEIA

Sobre prioridades

“E essa aí esguicha que é uma beleza!” Veio o grito de um ninho de gralha no navio que passava.

“Mergulha, Bilo! Não é hora de ficar se amostrando, esguichando desse jeito. Aquele navio não é de passageiros.”

Bilo, a baleia, que até então desfrutava de suas acrobacias e peripécias oceânicas, se juntou, resmungando, ao resto de sua “turma”, o bando de baleias que vasculhavam o mar à procura de alimento.

“Desculpa, mamãe,” ele respondeu.

“É melhor dar uma sumida e prender o fôlego um pouquinho,” disse o pai ao ver um arpão vindo de um barco a remo bem acima deles rasgar as águas. “A não ser que queira acabar como sabão e velas, ou espartilho de alguma senhora grã-fina. Na verdade, seria bom todos nós irmos para o fundo do mar e sumirmos um tempo.”

“Mas posso virar o barco com uma rabanada, não é pai?”

“Agora não, Bilo. Não tem necessidade. Saia da água e depois dê um bom mergulho. Está vendo? Eles já desistiram e estão voltando para o navio.”

“O seu pai já virou alguns barcos na sua época, em momentos críticos,” disse a mãe de Bilo. “Mas ele aprendeu que o melhor é ser discreto. Não foi, Hernani?”

“Ai, Helena. E tenho as cicatrizes dos arpões para provar isso. Eu teria me poupado muita dor se tivesse mantido os olhos no quadro geral. Alguns dos meus colegas, como o Dick, não tiveram tanta sorte.”

“Algum cardume?”, perguntou Helena, “estamos todos com fome e acho que está quase na hora do jantar.”

No fundo do mar, alguns quilômetros à frente deles, havia um cardume enorme de arenques nadando em direção a um monte de plâncton e corais. Ao ver as baleias se aproximarem, os peixes ganharam velocidade, com exceção de uma fêmea, que inexplicavelmente deixou de encabeçar o cardume e ficou para trás até se colocar ao lado de Bilo. Seu olhar era de zombaria.

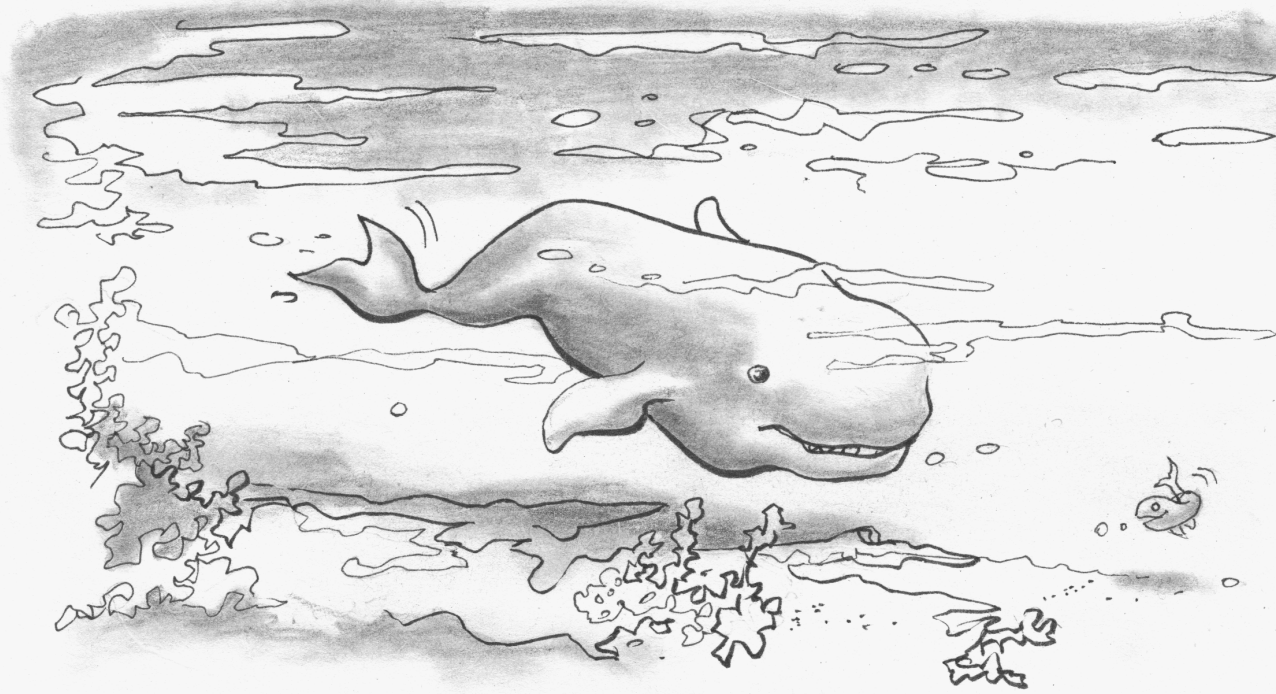
“Está se achando o tal, não é, garotão?”

“O que você quer dizer?”

“Eu o vi se mostrando lá atrás. Mas você tem que fazer mais do que ficar pulando na água e esguichando para me impressionar.”

Bilo tentou dar uma mordida com suas enormes mandíbulas no peixe que fugiu rindo, desviando-se habilmente de sua frente.

“Bilo! Volte ao bando,” disse Maurício, um de seus irmãos mais novos ao vê-lo ficando para trás do grupo. “Ela não vale a pena. Tem um cardume inteiro de arenques de onde ela veio.”



“Tem muito mais peixes no mar, não é?” disse a arenque. “Mas olha só o grande e bravo Bilo—não consegue nem pegar *um* de nós sequer!”

Furioso, Bilo deixou de ouvir os clamores de Maurício, que ficavam cada vez mais distantes, para ele ter cuidado e foi atrás daquele peixinho abusado, que nadava velozmente em ziguezague pelo plâncton, guiando a jovem baleia confusa de uma para outra direção, fazendo-o bater a cabeça e se arranhar no coral.

Bilo começou a se cansar quando viu um banco de areia à sua frente. A água estava ficando cada vez mais rasa, contudo não perdia o peixe de vista, que, por estranho que pareça, agia como se isso fosse exatamente o que ela queria. E lá estava ela, nadando em direção ao banco de areia e rindo por Bilo a estar seguindo. De

repente, Bilo começou a parar e se viu preso no banco de areia. Bateu o lobo de sua cauda com todas as suas forças, o que o fez ir para frente ainda mais até sua cabeça sair da água e seu corpo imenso encravar-se na areia. Ele olhou ao seu redor e viu, para seu espanto, que estava quase na praia.

“Missão cumprida!” ouviu o pequeno peixe dizer. Quando olhou para dentro d’água, a viu voltar para o fundo do mar.

Bilo se contorceu e tentou se mover, mas não conseguia.

“Estou encalhado,” disse consigo mesmo. “Já ouvi falar de outras baleias que ficaram assim, mas nunca pensei que aconteceria comigo.”

O sol estava se pondo e Bilo finalmente caiu no sono, pensando na sua triste sina.

“Olha só, vovô, uma baleia!”

Bilo acordou de manhãzinha e viu uma garotinha descalça correndo pela areia da praia em direção a ele.

“Está morta?” perguntou.

“Não. Só grogue,” respondeu o velho pescador que veio mancando atrás dela, carregando consigo uma rede e apoiando-se em sua bengala. “Mas se não a lançarmos de volta ao mar, logo estará morta. A maré baixou, e é uma distância e tanto até o mar alto. Ela não vai sobreviver até a noite.”

A garotinha começou a chorar. “Mas o que vamos fazer, vovô?”

“Vá e chame o pessoal no povoado. Vá pelas ruas de um lado para o outro e peça para trazerem cordas e uns dois barcos a remo depressa, antes da areia ficar seca demais. Que bom que é uma baleia jovem, senão seria impossível.”

“Querido Deus,” disse a garotinha, “por favor, ajude esta pobre baleia a voltar em segurança para o mar alto.”

Bilo fechou os olhos e sorriu; ele estava preocupado, mas sentiu-se agora aliviado ao ouvir a oração da garotinha. Depois de fazer um carinho consolador na sua cabeça ela saiu correndo para chamar as pessoas.

Uma hora e meia depois, Bilo foi arrastado por cordas grossas e pesadas com as quais lhe haviam amarrado. Ele estava indefeso, mas grato. Foi preciso três barcos a remo, com seis remadores em cada um, para tirá-lo lentamente da areia até ele deslizar para dentro do mar o suficiente para se movimentar, quando então os pescadores o soltaram. Ele conseguiu mover a cauda e foi embora. Deu um breve pulo para fora d’água mergulhando mais uma vez no mar, como fazem as baleias. Viu então a garotinha acenando toda feliz lá da praia, e quis alegrá-la com um grande esguicho e pirueta.



E papai, mamãe, e o resto da família? ficou se perguntando enquanto nadava sem rumo pelo vasto oceano aberto sem uma alma sequer à vista.

Lembrou-se então da oração da garotinha, e resolveu orar também.

“Querido Deus, por favor, me ajude a encontrar a minha família e o baleal, ou ajude-os a me encontrar. ...”

Ele mal havia terminado de orar quando ouviu a voz de Maurício.

“Ele está ali, mãe!”

Bilo virou-se e, para sua alegria, viu sua mãe, pai e todo o baleal se aproximando dele sorrindo aliviados.

“Como foi que me encontraram?”

“Pode agradecer a uma arenque fêmea,” disse Hernani.

“Ela nos disse que o havia guiado a um banco de areia — não sabia bem onde era, mas que era a oeste.”

“Foi gentil da parte dela,” disse Bilo.

“Ela teve os seus motivos para fazer isto,” disse Helena. “O cardume a havia mandado para atrair um dos mais... como posso colocar isto, *vulneráveis*, sabendo que o resto de nós ia

notar que você havia desaparecido e iríamos à sua procura em vez de persegui-los, e os deixaríamos em paz.”

“E foi o que aconteceu,” disse Hernani. “Procuramos você a noite inteira.”

“E ficamos com fome por causa disso,” disse Maurício. “Não comemos desde então.”

“Mas espero que tenha aprendido uma lição.” Disse Hernani.

“Sabe que lição é esta, Bilo?” perguntou Helena.

Bilo, envergonhado, revirou-se na água antes de responder.

“A-acho que é não se distrair com coisinhas insignificantes.”

“É isso aí, filho,” disse Hernani. “Mantenha os olhos no quadro geral, senão pode fazer com que não só você, mas muitos outros, percam a meta de vista. Neste caso, você permitiu ao seu orgulho ferido, ou seja lá o que for, impedir que toda a sua família e baleal se alimentasse a noite passada.”

“Seu pai tem razão,” disse Helena. “E estamos todos famintos, mas acho que logo vamos jantar.”

O Fim